

# HISTÓRIA E CULTURAS

## INÍCIO DA PROPAGAÇÃO DO CRISTIANISMO NO JAPÃO NO SÉCULO XVI: UM OLHAR SOBRE AS MISSIVAS ESCRITAS POR FRANCISCO XAVIER <sup>1</sup>

Willian Carlos Fassuci Larini<sup>2</sup>  
Sezinando Luiz Menezes<sup>3</sup>  
Célio Juvenal Costa<sup>4</sup>

28

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo examinar a correspondência de Francisco Xavier, escrita em meados do século XVI sobre o Japão. Esta época abrange o período inicial da primeira missão evangelizadora da Companhia de Jesus no território japonês. Além dos jesuítas, a missão contava com o auxílio de três japoneses que haviam sido evangelizados na Índia. Analisando as missivas escritas pelo padre jesuíta, visamos refletir sobre como ocorreram os primeiros contatos do clérigo com os japoneses, um povo que era desconhecido pelos europeus no século XVI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartas, Francisco Xavier, Japão.

### ABSTRACT

This article examines Francisco Xavier's correspondence, written in the mid-16th century on Japan. This period covers the initial period of the first evangelizing mission of the Society of Jesus in Japanese territory. In addition to the Jesuits, the mission had the help of three Japanese who had been evangelized in India. Analyzing the missives written by the Jesuit, we aim to reflect on how the cleric's first contacts with the Japanese took place, a people who were unknown to Europeans in the 16th century.

**KEYWORDS:** Francisco Xavier, Japan, letters.

### INTRODUÇÃO

Em 1549 o missionário jesuíta Francisco Xavier realizou uma viagem para o arquipélago japonês, o clérigo estava acompanhado por outros jesuítas e por três japoneses que haviam sido convertidos na Índia. Xavier tinha por intenção disseminar o cristianismo no Japão.

Francisco Xavier soube da existência do Japão por intermédio dos comerciantes lusitanos que ele encontrara em Malaca no final de 1547. Um dos mercadores com quem o padre jesuíta tivera contato era Jorge Álvares. A mando do jesuíta este português, que visitou o Japão, teria escrito um breve relato sobre o arquipélago japonês e seus habitantes.<sup>5</sup>

Xavier tivera contato com três japoneses que foram integrados a fé católica em 1548 no Colégio Jesuíta de São Paulo, localizado em Goa, na Índia. Dentre esses três nipônicos, é

<sup>1</sup> Este artigo tem como origem o capítulo de uma dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá em 2019.

<sup>2</sup> Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), pesquisador do Laboratório de Estudos do Império Português (LEIP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). wcarloslarini92@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em História, Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Pesquisador do LEIP (UEM).sl.menezes@uol.com.br

<sup>4</sup> Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Pesquisador do LEIP (UEM). celiojuvenalcosta@gmail.com

<sup>5</sup> XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

# HISTÓRIA E CULTURAS

importante dar destaque a Anjirô, que depois de ser batizado em conformidade com o catolicismo, recebeu o nome de Paulo de Santa Fé. Esse foi o primeiro japonês apresentado ao padre jesuíta, o encontro ocorreu em dezembro de 1547 em Malaca por intermédio de mercadores lusitanos<sup>6</sup>.

Em uma missiva escrita por Francisco Xavier em 20 de janeiro de 1548, da cidade indiana de Cochim “Aos seus companheiros jesuítas residentes em Roma” ele fez menção a este encontro:

Veio com estes mercadores portugueses um japonês, chamado por nome Angirô, em busca de mim, porque os portugueses que lá foram de Malaca lhe falaram em mim. Este Angirô vinha com desejo de confessar-se comigo, porque deu parte, aos portugueses, de certos pecados que na sua juventude tinha feito, pedindo-lhes remédio para que Deus Nosso Senhor lhe perdoasse tão graves pecados. Deram-lhe por conselho, os portugueses, que viesse a Malaca com eles a ver-se comigo. Assim o fez, vindo a Malaca com eles<sup>7</sup>.

De acordo com os mercadores lusitanos que Xavier tivera contato, a religião cristã poderia florescer no Japão mais do que no território indiano, pois os japoneses eram “uma gente desejosa de saber em grande maneira, o que não têm estes gentios da Índia”<sup>8</sup>.

Segundo Charles Boxer<sup>9</sup> o jesuíta ficou entusiasmado com a ideia de trabalhar como missionário em uma nova localidade onde se poderia propagar o cristianismo:

Xavier was entranced with what he heard of the newly discovered land, and a glorious vista of missionary activity opened up before him. Here was a rich and populous country, inhabited by a highly cultivated society, something like the Chinese but without their xenophobia, and on a much higher level than the fisherfolk of Malabar or the head-hunters of the Moluccas among whom the Apostle had hitherto labored. Here was a chance to sow the Gospel seed on more promising soil, and Xavier was not the man to let slip the opportunity<sup>10</sup>.

---

6 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

7 Ibid., 2006, p. 316.

8 Ibid. 2006, p.316.

9 BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan**. California: University of California Press, 1967, p. 36.

10 Xavier ficou fascinado com o que ouviu sobre a terra recém-descoberta e uma visão gloriosa da atividade missionária aberta diante dele. Ali estava um país rico e populoso, habitado por uma sociedade altamente culta, algo como os chineses, mas sem sua xenofobia, e em um nível muito mais alto que os pescadores de Malabar ou os caçadores de cabeças das Molucas, entre os quais o Apóstolo até então havia trabalhado. Aqui estava a chance de semear a semente do Evangelho em solo mais promissor, e Xavier não era o homem a deixar escapar esta oportunidade. (Tradução livre dos autores).

# HISTÓRIA E CULTURAS

Neste artigo temos por intenção examinar missivas que Francisco Xavier escreveu em 1549 quando já se encontrava no Japão<sup>11</sup>. Refletiremos sobre os primeiros contatos de Xavier com os japoneses e sobre a sua visão em relação aos líderes religiosos das principais religiões já existentes no Japão, antes da chegada dos europeus no século XVI. Religiões às quais, retornaremos ao longo desse trabalho. Analisando estes aspectos das cartas do religioso cristão, visamos expor como foi fundamental a postura diversificada adotada pelos padres evangelizadores no arquipélago japonês, se comparada a outras localidades onde os membros da Companhia de Jesus atuaram para difundir a religião cristã.

Tivemos acesso as cartas de Xavier por meio da obra “Obras Completas de Francisco Xavier” que compila todas as missivas que se tem conhecimento e que foram redigidas pelo missionário no decorrer da sua vida. Esta obra foi organizada pelo padre jesuíta Francisco de Sales Baptista que traduziu os escritos do missionário.

30

## TÁTICAS DE CONVERSÃO DOS JESUÍTAS NO JAPÃO

Antes de efetuarmos nossa análise acerca do contato inicial de Francisco Xavier com os japoneses, em 1549, é necessário discorrer sobre os fundamentos que impactaram as táticas que seriam utilizadas pelos jesuítas durante o processo de evangelização no Japão. Referimo-nos à capacidade de adaptação dos membros da Companhia de Jesus.

Costa disserta sobre a necessidade de adaptação por parte dos missionários católicos durante suas missões evangelizadoras:

A necessidade da adaptação tanto do discurso, como da metodologia empregada e até do comportamento exterior dos padres jesuítas em missão foi resultado principalmente do enfrentamento de culturas e religiões tão diferentes da cristã-ocidental. Quanto mais complexas eram a vida e a religião dos outros povos, crescia a necessidade de adaptação, aumentando a necessidade de avaliar profundamente quais as estratégias necessárias para realizar a evangelização<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Na medida em que se fizerem necessárias, também faremos menção a outras correspondências escritas pelo missionário antes de sua partida para o Japão.

<sup>12</sup> COSTA, Célio Juvenal. *A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)*. Tese de doutoramento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004, p. 167.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Depois que Xavier e seus companheiros jesuítas aportaram em Kagoshima em 1549, buscaram instruir-se sobre a língua e a religião que era adotada na localidade japonesa, iniciando-se assim o processo de evangelização nas terras nipônicas<sup>13</sup>.

Os evangelizadores da Península Ibérica tinham por base uma cultura que não os inclinava a ter interesse nos conhecimentos dos diferentes povos com que mantinham interação, pois eles se consideravam em uma posição sociocultural acima daquelas populações<sup>14</sup>.

Boxer menciona que normalmente:

[...] os missionários europeus consideravam emissários não só de uma religião superior como também de uma cultura superior, ambas inseparavelmente interligadas. É bem verdade que muitos missionários mudaram sua maneira de pensar após uma longa experiência nas missões. Mas a maioria sustentou até o fim a convicção básica de uma superioridade religiosa e cultural; do contrário, dificilmente teriam prosseguido na ação missionária<sup>15</sup>.

Analisando especificamente a atuação dos jesuítas no Japão, não seria prudente que os missionários tivessem uma postura intransigente, que pudesse comprometer o sucesso da missão no território japonês.

No que se refere à integração dos jesuítas na sociedade japonesa, recorreremos ao conceito de conveniência, utilizado em estudo de Pierre Mayol<sup>16</sup>. O autor concentra sua análise sobre a vivência de uma família do século XX no bairro operário da cidade francesa de Lion, denominado Croix-Rousse. O próprio Mayol teria residido neste mesmo bairro. Para desenvolver seu trabalho, o pesquisador francês discorre sobre as transformações que se sucederam no bairro e de que forma elas impactaram o cotidiano das pessoas que viviam nessa localidade. O autor considera o conceito de conveniência importante para o desenvolvimento de seu trabalho:

A conveniência é o gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achamos na rua. A conveniência é simultaneamente o modo pelo qual se é percebido e o meio obrigatório de se permanecer submisso a ela: no fundo, ele exige que se evite toda dissonância no jogo dos comportamentos, e toda ruptura qualitativa na percepção do meio social. Por isso é que produz comportamentos

13 HICHMEH, Yuri Sócrates Saleh. *O cristianismo no Japão: do proselitismo jesuíta à construção ideológica da perseguição (1549-1640)*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

14 BOXER, Charles Ralph. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

15 BOXER, Charles Ralph. *Id.*, 2007, p. 55.

16 MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

# HISTÓRIA E CULTURAS

estereotipados, “prêt-à-porter” sociais, que têm por função possibilitar o reconhecimento de não importa quem em não importa que lugar<sup>17</sup>.

Mayol explorou uma temática em seu trabalho muito distante do nosso objeto de pesquisa. Não obstante, o pesquisador francês trabalha com conceitos que podem corroborar com a nossa investigação. O primeiro deles é o conceito de conveniência. Além disso, o autor utiliza-se do conceito de “prática cultural”, definido como uma

[...] combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizado dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso<sup>18</sup>.

A utilização dos conceitos de conveniência e prática cultural por Mayol nos oportunizou pensar sobre a atuação de Xavier e dos demais jesuítas no território japonês. As comunidades japonesas que passaram a receber, depois de 1549, os missionários jesuítas, tinham suas próprias regras de convívio social. Nesse contexto, os europeus seriam um elemento estranho e poderiam causar ruptura na ordem social pré-estabelecida pelos japoneses.

Os jesuítas não eram simples visitantes, tinham por objetivo causar uma mudança nas localidades em que atuavam, convertendo as populações que desconheciam à religião cristã. A religiosidade, neste período, era um elemento significativo para a organização social.

Foi fundamental para o desenvolvimento da missão que os missionários conquistassem o apoio das autoridades locais, isto ficou evidente nas cartas que Xavier escreveu sobre o Japão, nas quais o missionário relata sua interação com os senhores de terras japonesas.

Ao chegarem na China e no Japão no século XVI, os missionários “viviam um tempo novo da história da evangelização, entraram num espaço quase desconhecido, longínquo, isolado, absorvente e sedutor, e realizaram algumas das experiências mais notáveis da época moderna”<sup>19</sup>.

A formação da missão jesuíta no território japonês é “um marco do início da missão moderna, pois representa o momento culminante de um longo processo, em que as concepções

17 Ibid., 1996, p. 49.

18 Ibid., 1996, p. 39-40.

19 COSTA, João Paulo Oliveira. *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*. Tese de Doutorado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1998, p. 26.

## HISTÓRIA E CULTURAS

medievais da propagação da Fé, estimuladas pelo avanço da expansão europeia, evoluíram e se modernizaram”<sup>20</sup>.

Os membros da Companhia de Jesus agiam segundo a concepção de *orbis christianus*, predominante no ocidente europeu. O *orbis christianus* era uma visão de mundo recorrente na Idade Média que tinha por base o cristianismo. Esta concepção se instituiu no credo de que a Terra pertence a Deus, e de que a igreja católica refletia a vontade de Deus no mundo. Por ser legítimo, Deus reivindicava que todas as pessoas o admitiessem e o venerassem. Nesse contexto, o pontífice e as figuras monárquicas tinham por função propagar a crença cristã<sup>21</sup>.

Esta concepção cristã de mundo se viu posta em xeque com o descobrimento de novos territórios, na qual os habitantes não se comunicavam por meio de idiomas cristãos e desconheciam a divindade cristã. Na concepção dos europeus seria necessária a transmissão da fé cristã aos infiéis. Estes povos eram considerados infiéis, não pelo fato de haverem renunciado ao cristianismo, mas por não terem ainda sido informados sobre a existência da religião cristã. Nesta conjuntura, seria plenamente aceitável para os europeus sujeitar à força o cristianismo e dominar os novos territórios descobertos<sup>22</sup>.

Como aponta o autor,

Os direitos humanos do *orbis christianus* eram, com efeito, direitos de ser cristão, direitos estes que ninguém podia recusar. Daí o *compelle eos intrare*. Não se perguntava, a esta época, se os ouvintes tinham condição de entender o que se passava, tão evidente era a necessidade da cristianização, tão evidente a naturalidade da sobrenatureza. O importante era a execução aparente, legal, pública, da anexação dos novos territórios, compreendido evidentemente o batismo dos seus habitantes<sup>23</sup>.

No entanto, no Japão, os europeus não puderam impor sua cultura e religião, tal qual foi feito em outros territórios. “Os comerciantes portugueses bem como os missionários tiveram de afinar suas estratégias comunicativas para garantir sua presença, tanto na China quanto no Japão<sup>24</sup>”.

---

20 COSTA, João Paulo Oliveira. **O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luis Cerqueira**. Tese de Doutorado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1998, p. 27.

21 PAIVA, José Maria de. **Colonização e Catequese**. São Paulo: Arké, 2006.

22 Id., 2006.

23 Id., 2006, p. 23.

24 PREVATTO, André Junqueira. **Conversão à comunicação: a trajetória do missionário que foi São Francisco Xavier (1542-1552)**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010, p. 128.

# HISTÓRIA E CULTURAS

## CONTATO INICIAL DOS JESUÍTAS COM OS JAPONESES

Segundo José Yamashiro em:

[...] 15 de agosto de 1549, dia de Ascensão de Nossa Senhora, desembarcavam no porto de Kogoshima, feudo de Satsuma, no extremo sul da ilha de Kyûshû, de um junco chinês, três europeus em trajes até então não vistos no Japão: eram sacerdotes jesuítas, chefiados por Francisco Xavier, com suas batinas escuras. Os dois outros sacerdotes eram o padre Cosme de Torres e o irmão João Fernandes. Em companhia deles encontravam-se três nipônicos:<sup>25</sup>.

No decorrer da sua estadia no Japão, Xavier “percebeu um pouco da realidade política e cultural do país e chegou a traçar as principais estratégias de evangelização utilizadas pelos padres, mesmo após sua morte em 1552<sup>26</sup>”.

Durante o período em que Francisco Xavier permaneceu na região ele redigiu pelo menos cinco cartas. Tais epístolas foram escritas em Kagoshima, após o contato inicial com os japoneses, em 05 de novembro de 1549. Entre os escritos do missionário nesse período destacaremos inicialmente a carta em que o jesuíta se dirige “Aos seus companheiros residentes em Goa”.

Na introdução das *Obras Completas de São Francisco Xavier*, Mário Martins procura moldurar as cartas escritas por Francisco Xavier em quatro diferentes categorias:

Talvez pudéssemos dividir as cartas de S. Francisco Xavier em quatro espécies: cartas de trazer por casa, se nos permitem a expressão; geralmente curtas, tratam de assuntos caseiros ou de interesse local; cartas-regulamentos, cheias de experiência e reveladoras de funda psicologia; estão escritas no estilo de quem tem o direito de mandar, ao modo dum livro de regras (e quase não passam disso): cartas de amizade – decerto as mais belas, como documento humano; finalmente, as cartas que chamaremos de tendência ecuménica, quer pela vasta universalidade dos seus problemas e notícias, quer por se dirigirem a um público numeroso (jesuítas da Europa) ou a pessoas de largos horizontes e muita influência (D. João III, S. Inácio de Loiola, etc.), capazes de medidas de grande alcance<sup>27</sup>.

25 YAMASHIRO, José. *Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo: IBRASA, 1989, p. 52.

26 ALVES, 1997. apud LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. *Os jesuítas e a participação dos auxiliares Japoneses na missão nipônica (1549-1614)*. Angelus Novus, n. 6, p. 57-74, 2013, p. 61.

27 MARTINS, MÁRIO. Introdução Geral. In: *Obras Completas*. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 25.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Entre as diferentes categorias das cartas de Xavier, a missiva escrita em 05 de novembro de 1549 em Kogoshima “aos seus companheiros residentes em Goa” poderia ser considerada como uma carta de tendência ecumênica, pois é voltada para um público amplo com conteúdo extenso. Na carta, o missionário relata sua viagem retratando suas primeiras impressões sobre o Japão e seus habitantes.

No primeiro segmento da missiva o missionário discorre sobre suas experiências na embarcação que o levou ao território japonês.

Na continuidade da carta, Xavier relata suas primeiras impressões;

Do Japão, pela experiência que da terra temos, faço-vos saber o que dela temos alcançado. Primeiramente, a gente que até agora temos conversado, é a melhor que até agora está descoberta: parece-me que, entre gente infiel, não se encontrará outra que ganhe aos japoneses. É gente de muito bom trato e, geralmente, boa e não maliciosa. Gente de honra muito de maravilhar: estimam mais a honra que nenhuma outra coisa<sup>28</sup>.

O missionário se refere de forma bastante lisonjeira aos nipônicos. Como é observado por Tavares<sup>29</sup>, esta visão de Xavier em relação aos japoneses contrastava a significação da atuação dos membros da Companhia de Jesus na Índia.

Francisco Xavier passou quase dez anos em localidades que estavam submetidas ao domínio lusitano nas Índias, atuando como missionário. Contudo, este período não foi muito produtivo para o jesuíta no que se refere a conversão das populações orientais<sup>30</sup>. A prática

[...] inicial sugerida por Francisco Xavier e praticada por outros jesuítas ao longo da segunda metade do século XVI possuía como principais características um desconhecimento ou um conhecimento extremamente superficial das tradições religiosas hindus, misturados com um certo sentido de superioridade da cultura europeia, que só eram suavizados pela consciência da obrigação de se fazer a conversão dessa população à religião católica. De certa maneira era esse o parâmetro geralmente utilizado para definir as práticas de missionação<sup>31</sup> [...].

28 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 509.

29 TAVARES, Célia Cristina Da Silva Tavares. **Jesuítas e Inquisidores em Goa**. Lisboa: Roma Editora, 2004.

30 COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Tese de doutoramento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

31 TAVARES, Célia Cristina Da Silva . **Jesuítas e Inquisidores em Goa**. Lisboa: Roma Editora, 2004, p. 121-122.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Esse “sentido de superioridade da cultura europeia” por parte dos jesuítas se reflete em uma carta de Xavier, de janeiro de 1548, “Ao padre Inácio de Loyola”, em que o religioso faz duras críticas aos povos com os quais teve contato como evangelizador nas Índias:

Primeiramente, da gente India natural destas partes: é gente, de quanta tenho visto, falando em geral, muito bárbara. Os da Companhia levamos muito trabalho com os que já são cristãos e se fazem cada dia. É necessário que especial cuidado tenha vossa Caridade, de todos os seus filhos da Índia, em encomendá-los a Deus Nosso Senhor continuamente, pois sabe quão grande trabalho é ter de entender-se com gente que não conhece a Deus, nem obedece à razão, pelo muito grande costume de viver em pecados<sup>32</sup>.

O missionário também teria se desiludido no Oriente com o comportamento dos lusitanos perante as populações locais. Múltiplos hábitos das sociedades orientais “[...] como concubinato, tinham sido absorvidos pelos portugueses, além do mais, pela riqueza adquirida, muitos deles viviam com todo o conforto, fazendo de muitos gentios escravos domésticos”<sup>33</sup>.

No prosseguimento da carta, redigida em Kagoshima, para os jesuítas de Goa, Xavier discorre sobre a estruturação social do Japão. O missionário salienta que, independentemente de um nobre japonês ser pobre, ele ainda seria bem tratado. E nunca um nobre sem rendas se uniria em matrimônio com uma pessoa de uma posição social inferior, mesmo que esta possuísse maiores posses. Pois se um nobre japonês se casasse com uma pessoa de uma posição social subalterna, teria sua dignidade maculada<sup>34</sup>.

Quando Xavier visitou o Japão, o país asiático se encontrava em meio a um conflito<sup>35</sup> que durava várias décadas.

Conforme Yamashiro neste período passou a ocorrer,

[...] uma subversão da ordem hierárquica, conhecida na história como *gegokujô* (inversão da hierarquia social), quando subalternos se rebelavam contra seus chefes a fim de assumir o poder nos feudos. Não funcionava mais a velha moral

32 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 380.

33 COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Tese de doutoramento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004, p. 171.

34 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

35 Sengoku Jidai é uma fase da história japonesa que se decorre entre os séculos XV e XVI. Nesta época, a conjuntura política do país nipônico era completamente caótica e marcada por conflitos no interior do seu território. (FRÉDÉRIC, Louis. **O Japão - Dicionário e Civilização**. São Paulo: Globo Livros, 2008.)

# HISTÓRIA E CULTURAS

reguladora das relações entre senhores e seus vassalos. Imperava a ambição desenfreada, o interesse individual<sup>36</sup>.

Francisco Xavier não transmite em sua carta este cenário conturbado em que se decorria no Japão, mesmo estando no território japonês em 1549 o missionário ainda desconhecia o contexto sociopolítico do país asiático na segunda metade do século XVI.

Ao se referir a conduta dos japoneses, o jesuíta afirma que eles eram muito cordiais entre si e demonstravam ter grande estima por armas, “apreciam muito as armas e confiam muito nelas: sempre trazem espadas e punhais; e isto todas as gentes, assim fidalgos como gente baixa; com idade de catorze anos, já trazem espada e punhal”<sup>37</sup>.

O missionário afirma que os japoneses tinham hábitos alimentares bem moderados. Por não existirem vinhedos no Japão, bebiam bastante o que o missionário denominou como vinho de arroz. É retratado na carta, que os japoneses não tinham por hábito abater e nem ingerir os animais que criavam. Ocasionalmente se alimentavam com peixes, grãos, ervas e frutas. O religioso compara o Japão com outras localidades onde haviam grandes quantidades de alimentos, já que no Japão as pessoas careciam de sustento, pois a terra não era fecunda<sup>38</sup>.

Ao analisarmos as descrições de Francisco Xavier sobre os japoneses nos remetemos ao conceito de “prática cultural”, utilizado por Pierre Mayol<sup>39</sup>. Como estrangeiro, Xavier teve a oportunidade de observar uma série de comportamentos que eram característicos do cotidiano da sociedade japonesa. No entanto, podemos presumir que se um japonês do século XVI narrasse um escrito sobre a sua terra natal o olhar e constatações seriam possivelmente diferentes as do jesuíta.

Yi-Fu Tuan discorre sobre como um visitante e um nativo focalizam aspectos diferenciados do meio ambiente. Um indivíduo que visita, pela primeira vez, uma determinada localidade terá uma percepção diferente de uma pessoa que vive há bastante tempo neste local. Segundo o autor, o “[...] visitante frequentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos, em um meio ambiente, que não são mais visíveis para o residente”<sup>40</sup>.

Xavier relata que muitos japoneses eram alfabetizados. Tal habilidade ajudaria os jesuítas a ensinar práticas da religião cristã. O jesuíta afirma ainda que os japoneses eram monogâmicos e que

36 YAMASHIRO, José. **Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII**. São Paulo: IBRASA, 1989, p. 128.

37 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 509.

38 Ibid., 2006.

39 MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

40 TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980, p. 75.

## HISTÓRIA E CULTURAS

no Japão não havia muitos ladrões, pois havia uma grande repulsa contra aqueles que furtavam. O missionário se refere aos nipônicos como um povo benevolente, comunicativo e indagador<sup>41</sup>.

O clérigo também menciona algumas características relacionadas a moralidade do povo japonês: “São homens que nunca jogam, porque lhes parece que é grande desonra: pois os que jogam desejam o que não é seu, e daí podem vir a ser ladrões. Juram pouco e, quando juram, é pelo sol”<sup>42</sup>.

Como vimos, as impressões iniciais de Xavier sobre os japoneses foram bastante positivas. Essa visão de Xavier muito provavelmente relaciona-se ao fato de que a monogamia e a condenação moral dos roubos, preceitos morais observados por Xavier entre os orientais, são coincidentes com os costumes dos cristãos. O budismo era uma religião importante no Japão no século XVI e, conforme Michiko Yusa, essa religião tem por regras:

1) Não matar; 2) Não roubar; 3) Não cometer adultério; 4) Não mentir e 5) Não tomar substâncias intoxicantes. Os praticantes mais estritos identificam três “males” que impedem uma recta conduta: a avareza, a ira e a ignorância dos ensinamentos de Buda. Também se devem evitar a vaidade e a inveja, pois interferem com a meditação<sup>43</sup>.

Os budistas valorizam grandemente quatro qualidades: “[...] amizade, compaixão, o coração que deseja a felicidade de outros e que com ela se alegra e a equanimidade”<sup>44</sup>. Considerando que a religião é um importante fator de regramento social, é possível afirmar que os princípios morais dos nipônicos apresentados por Xavier estivessem relacionados com os fundamentos das religiões tradicionais do país asiático, antes da chegada dos portugueses.

Francisco Xavier demonstra na carta, acreditar que o Japão teria uma pré-disposição para a religião cristã. “Uma coisa vos faço saber para que deis muitas graças a Deus Nosso Senhor: que esta ilha do Japão está muito disposta para nela se acrescentar muito a nossa santa fé”<sup>45</sup>.

O ímpeto do religioso europeu em relação aos nipônicos era grande. Na mesma data em que o missionário escreveu em Kagoshima para os jesuítas de Goa relatando o início da sua vivência no território japonês, redigiu outra carta destinada “aos Padres Gaspar Barzeu, Baltasar Gago e Domingos Carvalho”, que estavam na Índia. Nessa missiva, Xavier convocou os três padres jesuítas

41 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

42 Ibid., 2006, p. 510.

43 YUSA, Michiko. **Religiões no Japão**. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 32

44 Ibid., 2002, p. 32

45 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 513

## HISTÓRIA E CULTURAS

para partirem para o Japão<sup>46</sup>. Ou seja, passados apenas alguns meses de sua chegada ao Japão, Xavier já se esforçava para atrair outros clérigos para a Terra do Sol Nascente.

Em Kagoshima os jesuítas foram bem recebidos pelas autoridades locais japonesas. Xavier ressalta a reação dos nipônicos diante da conversão de Paulo de Santa Fé ao cristianismo:

[...] Na povoação de Paulo da Santa Fé, nosso bom e verdadeiro amigo, fomos recebidos pelo capitão do lugar e pelo alcaide da terra com muita benignidade e amor, assim como todo o povo, maravilhando-se muito toda a gente de ver Padres de terras de portugueses. Não estranharam nada de Paulo se ter feito cristão, mas antes o têm em muito. Folgam todos com ele, assim os seus parentes como os que não o são, por ter estado na Índia e ter visto coisas que estes de cá não viram<sup>47</sup>.

O missionário citou na carta que os japoneses não se surpreenderam com a conversão de Paulo ao cristianismo, o que é estranho pois os nipônicos que residiam em Kogoshima não eram familiarizados com a religião cristã.

Sobre o início do contato dos religiosos europeus com os japoneses, Yamashiro afirma que “muitos nipônicos acreditavam que a nova religião vinha da Índia, representava uma nova seita do budismo. Alguns ouviram a pregação de Xavier e se converteram, julgando tratar-se o Cristianismo efetivamente uma nova seita budista”<sup>48</sup>.

Se os japoneses compreenderam inicialmente o cristianismo como uma vertente do budismo é possível que estivesse acontecendo algum problema de comunicação dos padres jesuítas com os japoneses. Francisco Xavier menciona na carta, aos jesuítas de Goa, a importância de os padres aprenderem a língua japonesa para a continuidade da evangelização cristã no território japonês:

Prouvera a Deus Nosso Senhor dar-nos línguas para podermos falar das coisas de Deus, porque então faríamos muito fruto com a sua ajuda e graça e favor. Agora estamos como estátuas entre eles, vendo-os falar e conversar de nós muitas coisas, e nós, por não entender a sua língua, calamo-nos. Agora, compete-nos ser como meninos, em aprender a língua: prouvera a Deus que os imitássemos na simplicidade e pureza de ânimo! Forçado nos é tomar meios e dispor-nos a ser

<sup>46</sup> Ibid., 2006.

<sup>47</sup> Ibid., 2006, p. 521.

<sup>48</sup> YAMASHIRO, José. *Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo: IBRASA, 1989, p. 52.

# HISTÓRIA E CULTURAS

como eles, assim acerca de aprender a língua como acerca de imitar a sua simplicidade de meninos que carecem de malícia<sup>49</sup>.

Xavier dá grande destaque a Paulo de Santa Fé na carta escrita em novembro de 1549, em Kagoshima, para os jesuítas de Goa, não fazendo menção direta aos outros dois japoneses com que ele tivera contato na Índia. O missionário relata que Paulo teve urgência em converter pessoas que eram próximas a ele. O japonês teria conseguido que sua mãe, esposa e filha e outros familiares se convertessem ao cristianismo<sup>50</sup>.

Paulo de Santa Fé teria visitado o daimiô<sup>51</sup> que governava a região. O senhor de terras japonesas prestou-lhe homenagens e teria feito muitas indagações sobre os lusitanos. Xavier menciona na carta que Paulo teria trazido para o encontro com o comandante nipônico<sup>52</sup> uma imagem de Nossa Senhora:

Quando Paulo foi falar com o duque, o qual estava a cinco léguas de Cangoxima, levou consigo uma imagem de Nossa Senhora, muito devota, que trazíamos connosco. Folgou a maravilha o duque quando a viu. Pôs-se de joelhos diante da imagem de Cristo Nosso Senhor e de Nossa Senhora, e a adorou com muito acatamento e reverência, e mandou a todos os que com ele estavam que fizessem o mesmo. Depois, mostraram-na à mãe do duque, a qual se espantou ao vê-la, mostrando muito prazer. Depois que Paulo voltou a Cangoxima, onde nós estávamos, daí a poucos dias mandou a mãe do duque um fidalgo para dar ordem de como se poderia fazer outra imagem como aquela. Mas, por não haver materiais na terra, se deixou de fazer. Mandou pedir esta senhora que, por escrito, lhe mandássemos aquilo em que os cristãos crêem. E assim Paulo se ocupou alguns dias em fazê-lo, e escreveu muitas coisas da nossa fé na sua língua<sup>53</sup>.

A carta do jesuíta nos revela que Paulo de Santa Fé contribuiu significativamente com os jesuítas para o início da evangelização no território japonês. Conforme afirma José Yamashiro,

---

49 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 522-523.

50 Ibid.

51 "Shimazu Takahisa, daimyo (duque ou rei) de Satsuma, nasceu em 1514; depois de longas lutas reinou pacificamente. Quando os portugueses descobriram o Japão, em 1543, a primeira terra que pisaram foi a do seu reino, na ilha de Tanegashima: ensinaram aos habitantes o uso das bombardas e desde então puderam comerciar nos seus portos. Em 1556, ocupou Shimazu a província vizinha de Osumi. Morreu em 1571" (PAPINOT, 1909, p. 569; SCHURHAMMER, p. 66-67 apud BAPTISTA S.J., Francisco de Sales. **Obras Completas**. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006).

52 Em 29 de setembro de 1549 Francisco Xavier e outros religiosos cristãos que o acompanharam em sua jornada ao Japão também se encontraram com este mesmo daimiô, que de acordo com o missionário, inicialmente favoreceu os evangelizadores europeus. (XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006).

53 XAVIER, São Francisco. **Op.cit.**, 2006, p. 522.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Paulo de Santa Fé auxiliou grandemente Francisco Xavier “[...] em sua obra catequizadora, servindo de intérprete e guia nas viagens pelo território nipônico. Entretanto, Paulo de Santa Fé teve um fim nebuloso. Segundo alguns autores, ele desapareceu depois da partida de Xavier, acompanhando um grupo de piratas [...]”<sup>54</sup>.

Existe igualmente a possibilidade de Francisco Xavier estar engrandecendo os feitos realizados por Paulo de Santa Fé em Kogoshima. Há de se destacar uma característica muito importante a ser considerada em relação as cartas escritas pelos jesuítas, algumas tinham o intuito de edificar as ações cristãs. Conforme Londoño, o conteúdo desse tipo de correspondência deveria

[...] primeiro edificar, e para conseguir a consolação nada melhor que mostrar os avanços da glória divina nas obras e ações apostólicas dos padres e irmãos. Sendo este o objetivo, a missiva não poderia ser deixada ao acaso das impertinências cotidianas dos padres ou à intensidade de seus sentimentos espirituais. Escrevendo para serem lidos por muitos outros, os padres deveriam ter a consciência de que estavam produzindo um texto para ser interpretado e lembrado <sup>55</sup>.

Charles Boxer afirma que os jesuítas redigiam missivas “para conseguir apoio” e para “despertar interesse no trabalho missionário”. Ainda segundo Boxer:

[...] as cartas geralmente dão a impressão de que as coisas iam melhor do que de fato acontecia. Falam de uma abundância de indígenas convertidos, todos inteligentes e excepcionalmente devotos. Os argumentos dos pagãos são sempre derrotados no confronto verbal com os cristãos em geral e com os missionários em particular. Nota-se nas cartas um tom comum de otimismo que muitas vezes beira o triunfalismo<sup>56</sup>.

Na carta escrita para os jesuítas de Goa, Xavier relata sua intenção de partir para a cidade japonesa de Miyako. O missionário menciona o que lhe informaram sobre o centro urbano “Grandes coisas nos dizem daquela cidade, afirmando-nos que passa de 90.000 casas, e que há uma grande universidade de estudantes nela que tem dentro cinco colégios principais, e tem mais de 200 casas de bonzos<sup>57</sup> [...]”.

54 YAMASHIRO, José. *Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo: IBRASA, 1989, p. 52.

55 LONDOÑO, Fernando Torres. *Escrevendo cartas: jesuítas, escrita e missão no século XVI*. In: Revista brasileira de História. São Paulo, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10908.pdf>, acesso em 07 de janeiro 2018, p. 18.

56 BOXER, Charles Ralph. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 118.

57 XAVIER, São Francisco. *Obras Completas*. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 528.

# HISTÓRIA E CULTURAS

O jesuíta tinha por objetivo se encontrar com o Imperador do Japão<sup>58</sup> que residia em Miyako. Xavier acreditava que o soberano nipônico era próximo do Imperador da China, e se os jesuítas conquistassem a amizade do Imperador japonês, teriam garantida a passagem dos europeus que tivessem por intenção, partir para a China<sup>59</sup>.

Não temos conhecimento acerca desta suposta amizade entre os imperadores da China e do Japão. No período em que Francisco Xavier visitou o território japonês, o Imperador do Japão era “GO-NARA-TENNÔ. Centésimo quinto imperador (príncipe Tomohito, 1497<1527-1557), filho e sucessor de Go-Kashiwabara Tennô. Foi sucedido por Ogimachi Tennô”<sup>60</sup>.

No contexto político do Japão no século XVI, o imperador japonês não possuía poder suficiente para governar. Diferentemente do que Xavier evidencia na carta, acreditamos que o Imperador do Japão teria pouca possibilidade de favorecer a causa dos missionários católicos no território chinês. É interessante ressaltar que em 1549 após ter passado alguns meses no território, o jesuíta ainda não tinha conhecimento da situação decadente do soberano japonês.

Existe um elemento recorrente na carta escrita por Xavier em Kagoshima, no mês de novembro de 1549, em que o missionário dá grande destaque aos representantes das religiões japonesas: os bonzos. Na continuidade do nosso trabalho, faremos uma breve contextualização sobre as religiões que eram tradicionais no Japão antes da chegada dos portugueses no século XVI e discorreremos sobre o contato inicial de Francisco Xavier com os bonzos.

## A RELIGIOSIDADE NIPÔNICA

Em um segmento de uma carta escrita em 22 de junho de 1549, em Malaca, “À Companhia de Jesus na Europa” Francisco Xavier menciona pela primeira vez os representantes das religiões nipônicas. Narra que os três nipônicos lhe revelaram que os monges japoneses se chocariam ao verem os padres católicos consumindo animais. Os cristãos japoneses relataram aos padres que no Japão, havia muitos monges que eram seguidos por pessoas de diferentes camadas sociais<sup>61</sup>.

O jesuíta relata o que Paulo de Santa Fé havia lhe informado sobre as práticas espirituais dos monges que residiam na localidade do Japão de onde ele era proveniente. Paulo teria contado aos missionários que os religiosos japoneses pregavam a cada duas semanas e que suas pregações auxiliavam muitas pessoas de ambos os sexos, e que muitos bonzos viviam em um mosteiro e

58 Antes de partir para o Japão Francisco Xavier na carta escrita em Malaca em 22 de junho de 1549 à Companhia de Jesus, o missionário manifestou sua intenção de conhecer o Imperador do Japão: “Quando chegarmos ao Japão, vamos determinados a ir à ilha onde está o Rei e manifestar-lhe a embaixada que da parte de Jesus Cristo levamos” (XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 485)

59 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

60 FRÉDÉRIC, Louis. **O Japão - Dicionário e Civilização**. São Paulo: Globo Livros, 2008, p. 344.

61 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

# HISTÓRIA E CULTURAS

tinham por hábito meditar nesta habitação<sup>62</sup>.

Em uma carta de 12 de janeiro de 1549, para o padre Inácio de Loyola, o religioso europeu relata de onde eram provenientes os fundamentos das religiões japonesas: “A lei que eles têm, diz Paulo que foi trazida duma terra que se chama Chengico<sup>63</sup>, que está passada a China e depois Tartao. E, segundo diz Paulo, em ir do Japão a Chengico e voltar ao Japão, gastam no caminho três anos”<sup>64</sup>.

Segundo Pedro Augusto Pimenta, o “[...] xintoísmo é considerado a primeira “religião japonesa”.<sup>65</sup> Desde a antiguidade, o Xintoísmo constitui um culto animista que considera algumas dádivas como a riqueza, a felicidade e a saúde, sinais de proteção dos *Kamis*<sup>66</sup>”. Os hábitos religiosos originários do país asiático foram denominados de xintoísmo para se diferenciarem da religião budista que fora incorporada no território japonês no século VI d.C<sup>67</sup>.

Michiko Yusa se utiliza do fragmento de um texto redigido por um erudito japonês denominado Motoori Norinaga (1730-1801) que define os Kami como divindades que possuem certa ambivalência. Na crença nipônica, está subentendido “[...] o reconhecimento de que as forças da natureza são simultaneamente construtivas e destrutivas e que a vida implica em harmonia e conflito, paz e guerra. O domínio dos espíritos extraordinários situa-se para além dos conceitos humanos de moralidade”<sup>68</sup>.

Como é observado por Kenneth Henshall, as lendas que dão base à cultura japonesa se diferem de outras civilizações por “[...] não conterem juízos morais sobre o bem e o mal. Alguns actos provocam censuras e castigos, mas não sermões morais”<sup>69</sup>.

Sasaki relata, em seu trabalho, que a

[...] ideia de pecado original encontrada no Cristianismo não existe no Xintoísmo. No japonês antigo, 罪 tsumi (o mal, pecado, crime, ofensa, culpa) era uma noção que incluía não apenas transgressões morais, mas também desastres naturais, desfiguração física e doenças. O mal era essencialmente poluição ou sujeira, seja física ou espiritual, enquanto a bondade era identificada com pureza. O homem era considerado originalmente limpo. O mal era uma entidade negativa que poderia e

62 Ibid.

63 Esta Chengico, mencionada por Xavier, seria uma localidade do território indiano denominada Tenjiku. (BAPTISTA S.J, Francisco de Sales. **Obras Completas**. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006)

64 XAVIER, São Francisco. **Op.cit.** 2006, p. 385.

65 Pedro Augusto Pimenta salienta que as crenças nipônicas não têm as mesmas particularidades da religião católica por isso é complexo enquadrá-las ao que é definido como religião no ocidente cristão. O autor aborda o conceito de religião de acordo com o contexto japonês “como um conjunto de crenças, símbolos, ritos e regras de sociabilidade [...]” (PIMENTA, Pedro Augusto. **Jesuítas no Japão: o discurso sobre os percalços da cristianização**. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013, p 78).

66 PIMENTA, Pedro Augusto. **Jesuítas no Japão: o discurso sobre os percalços da cristianização**. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013, p 79.

67 YUSA, Michiko. **Religiões no Japão**. Lisboa: Edições 70, 2002.

68 Ibid., 2002, p. 20.

69 HENSHALL, Kenneth G. **História do Japão**. Lisboa: Edições 70, 2018, p. 17.

# HISTÓRIA E CULTURAS

deveria ser removido com rituais de purificação (禊祓 misogi harae ou 大祓 oharae). Essa reverência à pureza no Xintoísmo antigo, embora mais tarde tenha sido combinada com ideias budistas e confucionistas, continua sendo um elemento significativo na religião e na cultura japonesa. Isso se manifesta não apenas na religião e moralidade, mas também na arte e na arquitetura, assim como em muitas outras dimensões da vida japonesa<sup>70</sup>.

A crença xintoísta permaneceria no Japão “[...]durante séculos a fio. Mesmo com a introdução do budismo, confucionismo ou mesmo com as ideias cristãs que se propagariam principalmente no sul do arquipélago, o xintoísmo manteve seu lugar dentro dos sistemas simbólico-religiosos do Japão”<sup>71</sup>. Segundo o autor:

Um dos motivos que auxiliaram no enraizamento dos princípios xintoístas e da adoração aos *Kamis* são os eventos ocorridos durante as tentativas de domínio por parte do império chinês, governado pela dinastia mongol Yuan. A derrota, graças a uma oportuna atividade ciclônica, da frota de juncos enviada para o arquipélago ajudaria a propagar a ideia de que o Japão seria uma região protegida pelos deuses (*Kami*) que enviariam ventos (*Kases*) para defenderem o arquipélago dos invasores<sup>72</sup>.

Somente no século XIII o xintoísmo se converteu em um preceito mais organizado. Nesse período, com a criação de três distintas vertentes da crença nipônica “[...] que se verificou a possibilidade de falar em sua fundamentação como uma instituição mais coesa”<sup>73</sup>.

Yusa afirma que todos os municípios e povoações do país nipônico possuem um santuário Xintoísta (*jinja*) sendo que o mais importante de todos é denominado *Isé*. Múltiplos nipônicos consideram um dever ir no mínimo uma vez durante sua vivência neste templo Xintoísta. Isto demonstra a influência da crença xintoísta na sociedade japonesa equiparando-se com a relevância que a crença cristã tem em alguns países ocidentais<sup>74</sup>.

70 SASAKI, Elisa Massae. Valores culturais e sociais nipônicos. In: **IV Encontro sobre a Língua, Literatura e Cultura Japonesa**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.nipocultura.com.br/wp-content/uploads/2012/02/SASAKI-Elisa-Massae-Valores-culturais-e-sociais-niponicos-Rio-Kyooshikai-jul2011.pdf>, acesso em 20 de maio de 2019, p. 5-6.

71 PIMENTA, Pedro Augusto. **Op.cit.**, 2013, p. 81.

72 PIMENTA, Pedro Augusto. **Jesuítas no Japão: o discurso sobre os percalços da cristianização**. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013, p. 81.

73 KASAHARA, 2004 apud CARNEIRO, Mario Scigliano. **A adaptação jesuítica no Japão do final do século XVI: entre a história de Fróis e o cerimonial de Valignano**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013, p. 26.

74 YUSA, Michiko. **Religiões no Japão**. Lisboa: Edições 70, 2002.

## HISTÓRIA E CULTURAS

O Budismo tem sua origem no território indiano (século V a.c.), tendo como base os preceitos de Diccharta Gautama. A partir da Índia, nos séculos posteriores, ocorreu uma difusão do Budismo para outras nações “através de duas correntes principais –Mahayana e Theravada–, que se distinguem pela ênfase em diferentes escrituras e práticas”<sup>75</sup>. Ainda segundo esse autor;

A corrente Mahayana (—O Grande Veículo ou Ensino) se espalhou na direção norte, por países como Tibete, China, Vietnã, Coreia e Japão. A corrente Theravada (—Escola dos Anciãos ou Monges; também conhecida como —Hinayana ou —O Pequeno Veículo ou Ensino), pelo Sri-Lanka (ex-Ceilão), Mianmar (ex-Birmânia), Tailândia e outros países da Ásia do Sul<sup>76</sup>.

45

Na Ásia, a religião budista foi assimilada pelos governantes da China no primeiro século d.C. e foi difundida na Coreia alguns séculos depois. As condições da incorporação do budismo no território japonês, estão relacionadas ao contexto político da parte oriental do continente asiático no decorrer dos séculos V e VI. Nesse período, o território coreano era separado em três reinos que tinham ligações com os Impérios chinês e japonês<sup>77</sup>.

Por meio desse contato entre as nações asiáticas que os preceitos budistas passaram a ser transmitidos no Japão no século VI d.C. Uma importante família japonesa denominada Soga contribuiu para a difusão da religião budista no território japonês. Por intermédio dessa família, o primeiro templo budista foi erguido no país nipônico<sup>78</sup>.

O imperador Yomei (585-587) abraçou a religião budista e a xintoísta, ele foi o primeiro soberano nipônico a legitimar as duas crenças. Durante a difusão da religião oriental no país nipônico os reinos da Coreia mandaram ao “[...] Japão monges e monjas budistas, arquitetos para desenhar templos, escultores das imagens de Buda e vários técnicos e engenheiros”<sup>79</sup>.

Yusa afirma que os líderes do Oriente asiático foram importantes no processo de disseminação do Budismo. Segundo o autor:

Nos países do Oriente asiático, o Budismo espalhou-se de cima para baixo, dos reis e imperadores para o povo. O que atraía principalmente os governantes era o ideal do “rei que faz girar a roda” (*cakravartin*), o governante ideal budista. O Budismo

75 PEREIRA, Ronan Alves. O budismo japonês: sua história, modernização e transnacionalização. In: *Revista Eletrônica Ponto de Encontro de Ex-Fellow*. São Paulo, n. 1, Fundação Japão, 2006. Disponível em: <https://fjfp.org.br/wp-content/uploads/2011/03/artigo-Budismo-Ronan.pdf>, acesso em 17 de março de 2019, p. 2.

76 Ibid.

77 YUSA, Michiko. *Religiões no Japão*. Lisboa: Edições 70, 2002.

78 Ibid.

79 YUSA, Michiko. *Religiões no Japão*. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 35.

## HISTÓRIA E CULTURAS

ensinava que o reinado de um governante benevolente tornaria manifesto o paraíso na terra e este importante conceito acrescentava legitimidade a esse governo. Mas ainda, acreditava-se que o Budismo protegeria os países governados por reis piedosos<sup>80</sup>.

O alastramento do budismo no século VI teve um impacto sobre a sociedade japonesa, mas a crença budista não destruiu completamente os fundamentos religiosos que eram originários do Japão. A adoração aos elementos naturais sobre qual se apoiava a crença xintoísta continuou enraizado na mentalidade dos nipônicos. O tradicionalismo recorrente no país asiático evitou o sumiço da adoração as divindades xintoístas que eram profundamente relacionados à mitologia da constituição da pátria japonesa<sup>81</sup>.

Pimenta apresenta o contexto religioso no Japão depois da propagação do budismo

[...] o panorama religioso do Japão era consideravelmente fragmentado e heterogêneo. O budismo e o xintoísmo dividiam espaços na espiritualidade da população junto com elemento de outras práticas diversas como o confucionismo e o taoísmo. O próprio budismo não se mostrava homogêneo, sendo fragmentado em diversas seitas<sup>82</sup> [...].

A ligação entre a crença xintoísta e a religião budista no Japão “[.] foi por vezes cordial, outras antagónica. Porém, a partir de meados do período Heian estas duas religiões fundiram-se – fenómeno conhecido como **shinbutsu shugo** (literalmente), convergência do xintoísmo e do Budismo”<sup>83</sup>.

José Yamashiro afirma que os japoneses têm [...] “uma grande capacidade de introduzir e assimilar frutos de culturas estrangeiras, adaptando-os às condições peculiares do país”<sup>84</sup>.

Aspectos das tradições religiosas do Japão foram assimilados à religião budista e os Kamis que eram as divindades originárias da crença xintoísta foram mesclados ao budismo. No século X se difundiu no arquipélago japonês o conceito da *manifestação da essência* na qual os Kamis foram identificados como expressões do cerne de Buda. A divindade japonesa do sol, Amaterasu, por exemplo, passaria a ser considerada [...]“como uma manifestação de Mahavairochana, Buda do

<sup>80</sup>ibid., 2002, p. 37.

<sup>81</sup> YAMASHIRO, José. *História da Cultura Japonesa*. São Paulo: IBRASA, 1986.

<sup>82</sup> PIMENTA, Pedro Augusto. *Jesuítas no Japão: o discurso sobre os percalços da cristianização*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013, p. 88.

<sup>83</sup> YUSA, Michiko. *Religiões no Japão*. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 62, grifo do autor.

<sup>84</sup> YAMASHIRO, José. *Op.cit.*, p. 23.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Sol”<sup>85</sup>[...]. Séculos depois surgiria um movimento de oposição a teoria da manifestação da essência e nipônicos passariam a colocar os Kamis num patamar superior as divindades da religião budista ocorrendo uma modificação na estabilidade entre as duas crenças<sup>86</sup>.

Ronan Alves Pereira discorre sobre os aspectos culturais da China que teriam sido introduzidos no território nipônico com a implementação da religião budista, como a escrita da China que foi

[..] introduzida concomitantemente com o Budismo. Os templos foram, até a época moderna, centros religiosos, artísticos e educacionais. Até o governo Meiji (1868-1912) instituir um sistema público de ensino, a maioria das escolas primárias estava associada aos templos budistas (terakoya). Agências e agentes do Budismo disseminaram no país técnicas de impressão e artísticas (pintura, cerâmica, escultura, jardinagem, etc.), estilos arquitetônicos, uso de almanaques, rudimentos de medicina chinesa, costume de beber chá... e a lista poderia se estender ainda mais<sup>87</sup>.

Esta difusão de elementos culturais chineses no Japão, descrita pelo autor, é relevante, pois Francisco Xavier demonstraria seu interesse em evangelizar na China depois que compreendeu que aspectos da religiosidade nipônica eram provenientes daquele país.

Além do xintoísmo e do budismo, uma outra doutrina que teve grande influência na cultura japonesa foi o confucionismo. “Ensino político-social do sábio chinês Confúcio (*jav.*: Kôshi) que repousa na virtude de Humanidade (*chin.*: Ren), provavelmente transmitido ao Japão por intermédio da Coreia, no século VI segundo o *Nihon Shoki*”<sup>88</sup>.

Alexandre Fontoura Dos Santos (2011) afirma, com base no trabalho de Granet, que o confucionismo:

Resumidamente, seus principais preceitos estavam em torno da *virtude suprema*, ou *Jen*, que seria um sentimento ativo de dignidade humana, que englobariam o humanitarismo e a benevolência. Por isso destacava a importância dos cargos públicos e, mais ainda, dos governantes, que deveriam buscar uma retidão de

85 R. TSUNODA, 1971, p. 270 apud YUSA, Michiko. **Religiões no Japão**. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 63.

86 YUSA, Michiko. **Religiões no Japão**. Lisboa: Edições 70, 2002.

87 PEREIRA, Ronan Alves. O budismo japonês: sua história, modernização e transnacionalização. In: **Revista Eletrônica Ponto de Encontro de Ex-Fellow**. São Paulo, n. 1, Fundação Japão, 2006. Disponível em: <https://fjzp.org.br/wp-content/uploads/2011/03/artigo-Budismo-Ronan.pdf>, acesso em 17 de março de 2019, p. 4.

88 FRÉDÉRIC, Louis. **O Japão - Dicionário e Civilização**. São Paulo: Globo Livros, 2008, p. 195.

# HISTÓRIA E CULTURAS

comportamento proporcional a seu poder, já que suas ações fariam bem ou mal a um grande número de pessoas<sup>89</sup>.

Conforme Santos, Confúcio indicava o melhoramento interior como fundamental para um governante. “Se este for sincero, o aperfeiçoamento será inevitável, já que seu contato exterior (com o povo) exigirá a sabedoria que ele só disponibilizará mediante um controle (e crescimento) interior”<sup>90</sup>.

Sasaki procura explicar como o confucionismo por influência da China foi integrado no Japão:

Tradicionalmente é dito que o Confucionismo chegou ao Japão através da Coreia durante a segunda metade do século IV. Contudo, até pelo menos o final do século VI, o Japão começou a enviar delegações ao continente chinês para estudar a sua cultura com intuito de aprender e emular. Nessa conjuntura, o Japão ainda estava no processo de mudança de uma ordem social baseada na relativa autonomia dos diversos clãs para uma sociedade organizada e consolidada em torno da família imperial. Consequentemente, os líderes políticos japoneses viam a China como um modelo, pelo seu sistema de governo com o poder centralizado nas mãos do imperador e o Confucionismo como um corpo de pensamento que apoiava e legitimava esse sistema<sup>91</sup>.

De acordo com Sasaki, no começo do período Edo (1603-1868) foi instituído de maneira oficial no arquipélago japonês o denominado neo-confucionismo que foi o conjunto de ideias que deu base ao governo que se estabeleceu no território nipônico nesta época. A autora menciona que múltiplos “[...] estudiosos e pensadores confucionistas apareceram e os preceitos morais confucionistas começaram a penetrar na vida das pessoas comuns. Foi, nessa situação que o Confucionismo, sendo naturalizado, assumiu características distintas no Japão”<sup>92</sup>.

---

89 GRANET, 1997 apud SANTOS, AF dos. **A Contribuição do Confucionismo para as Interrelações Doutrinárias presentes no pensamento Japonês Durante a Formação do Período Edo (Séc. XVII)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011, p. 23.

90 SANTOS, AF dos. *Op.cit.* p. 25.

91 SASAKI, Elisa Massae. Valores culturais e sociais nipônicos. In: **IV Encontro sobre a Língua, Literatura e Cultura Japonesa**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.nipocultura.com.br/wp-content/uploads/2012/02/SASAKI-Elisa-Massae-Valores-culturais-e-sociais-niponicos-Rio-Kyooshikai-jul2011.pdf>, acesso em 20 de maio de 2019, p 15.

92 SASAKI, Elisa Massae. *Op.cit.*, p 17.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Anteriormente, citamos uma passagem da obra de José Yamashiro<sup>93</sup> em que o autor menciona a habilidade dos nipônicos de absorver aspectos culturais estrangeiros moldando-os de acordo com a realidade japonesa. Pelo que foi exposto acima, o confucionismo se enquadra no que é mencionado pelo pesquisador brasileiro, já que era uma forma de pensamento proveniente da China que acabou se modificando ao ser incorporado à cultura nipônica. Considerando a aptidão dos japoneses de assimilar aspectos culturais estrangeiros, fomos levados a ponderar que para o cristianismo ser introduzido eficientemente, necessitaria ser apresentado aos japoneses de forma a não se confrontar com as crenças já existentes.

Como seria de esperar de um missionário católico com o ímpeto de Xavier, o seu olhar em relação aos monges nipônicos era extremamente negativo. Um missionário católico, do século XVI, jamais aceitaria homens que disseminassem ensinamentos diferentes aos do cristianismo, por isso não é surpreendente que Francisco Xavier tivesse um olhar crítico sobre os homens e mulheres que transmitiam as diferentes formas de religiosidade que eram características do Japão. Contudo, acreditamos que existem outros fatores que condicionaram a visão negativa de Xavier sobre os bonzos. Assim torna-se necessário expor a concepção inicial do jesuíta sobre os religiosos japoneses, após contato do missionário com os bonzos em Kagoshima em 1549:

Menos pecados acho entre os seculares, e mais obedientes os vejo à razão, do que são os que eles cá têm por Padres e que eles chamam bonzos. Estes são inclinados a pecados que a natureza aborrece e eles o confessam e não o negam: é tão público e manifesto a todos, assim homens como mulheres, pequenos e grandes, que por estar em muito costume, não o estranham nem lhe têm aborrecimento. Folgamos muito, os que não são bonzos, em ouvir-nos repreender aquele abominável pecado, parecendo-lhes que temos muita razão em dizer quão maus são e quanto a Deus ofendem os que tal pecado fazem. Aos bonzos, muitas vezes dizemos que não façam pecados tão feios. Mas a eles, tudo o que lhes dizemos lhes cai em graça, porque disso se riem e não têm vergonha nenhuma de ouvir repreensões de pecado tão feio. Têm estes bonzos nos seus mosteiros muitos meninos, filhos de fidalgos, a quem ensinam a ler e escrever e com estes cometem as suas maldades. Está este pecado tanto em costume que, ainda que a todos pareça mal, não o estranham<sup>94</sup>.

---

93 YAMASHIRO, José. *Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo: IBRASA, 1989.

94 XAVIER, São Francisco. *Obras Completas*. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 511.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Fica evidente por esta passagem que o jesuíta considerava que o comportamento do povo japonês era superior aos dos representantes das religiões nipônicas. Xavier via o comportamento dos bonzos como pecaminoso, porém, o missionário não deixa claro sobre o que ele considerava como condenável em relação aos monges japoneses.

Na Introdução, mencionamos o escrito do explorador português Jorge Álvares, em 1548, no qual ele relatava o que havia presenciado durante a sua estadia no Japão. Um dos fragmentos deste documento ajuda-nos a entender porque Xavier criticava a conduta dos bonzos. Segundo, Jorge Álvares, os bonzos costumam praticar “[...] a sodomya com os moços q emsynão e não he tachado e jeral<sup>95</sup> [...]”.

Francisco Xavier repudiava os religiosos nipônicos em razão de seus preceitos morais, da forma como viviam a sua sexualidade. Claro que, embora estejamos tratando como distintas, as questões religiosas e morais se confundem, pois em larga escala as concepções morais vinculam-se a forma como a sociedade vivencia a religião. Naquele período, os cristãos condenavam veementemente o sexo anal, a sodomia, que a consideravam como pecado mortal.

Ainda no que se refere ao comportamento dos monges japoneses, Xavier relata sobre um grupo de bonzos<sup>96</sup> que andavam com uma vestimenta semelhante a de um frei. Estes bonzos tinham por costume pelar a cabeça e a face, e viviam com mulheres da mesma ordem religiosa da qual faziam parte<sup>97</sup>. Ainda segundo Xavier,

O povo tem-nos em muito ruim conta, parecendo-lhe mal tanto convívio com as monjas. Dizem todos os leigos que, quando alguma destas monjas se sente prenhada, toma uma mezinha com que logo deita fora a criança. Isto é muito público, e a mim me parece, segundo o que tenho visto neste mosteiro de frades e monjas, que o povo tem muita razão no que deles tem concebido. Perguntei a certas se estes frades usavam algum outro pecado, e disseram-me que sim: com os moços que ensinam a ler e escrever<sup>98</sup>.

As afirmações do jesuíta sobre a rejeição do povo japonês em relação as práticas sexuais dos bonzos é extremamente reveladora. Ao fazer essa afirmação ele pretende mostrar aos seus leitores que o Japão é um terreno fértil para a disseminação do cristianismo, pois, de forma distinta de seus

---

95 ÁLVARES, Jorge. O Japão no século XVI. Transcrição feita por A. Thomaz Pires. In: **O Instituto**: jornal científico e litterario. Coimbra, v. 54, p. 54-64, 1907. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/11939>, acesso em 27 de maio de 2018, p. 60-61.

96 Estes monges referidos por Xavier seriam pertencentes a seita da religião budista Ikkô (BAPTISTA S.J, Francisco de Sales. **Op.cit.**

97 Ibid.

98 Ibid., p. 512.

## HISTÓRIA E CULTURAS

líderes religiosos, os japoneses expressam preceitos morais próximos aos dos cristãos. No entanto, é importante destacar que Xavier, na passagem acima, está fazendo referência a um grupo de bonzos de uma localidade específica do Japão, as descrições do padre europeu sobre os religiosos nipônicos, talvez não correspondessem de forma integral aos múltiplos monges que atuavam no arquipélago japonês no século XVI.

Durante a sua passagem por Kagoshima, Xavier teria percebido a influência que os bonzos possuíam na sociedade japonesa. Mesmo antes de partir para o Japão, Paulo de Santa Fé informara ao missionário sobre o poder dos monges nipônicos no Japão. A carta de Xavier (dirigida aos jesuítas de Goa nos revela que o europeu teria se surpreendido com o fato dos religiosos japoneses terem um grande grau de respeitabilidade diante do povo japonês, apesar do comportamento considerado libertino<sup>99</sup>.

Mesmo opondo-se fortemente aos religiosos, o missionário católico buscou, em a sua passagem pelo Japão, interagir com eles. Na carta escrita, em novembro de 1549, na cidade de Kagoshima, para os jesuítas de Goa, ele relatou que nas conversas que tivera com um monge eremita, teriam havido debates teológicos. Este religioso nipônico tinha mais de oitenta anos e era muito respeitado, considerado um dos mais sábios entre os bonzos<sup>100</sup>

Sobre esses debates é importante registrar que Leão tendo como referência o trabalho de Helmut Feldmann, salienta um aspecto curioso do contato entre o padre jesuíta e o monge eremita. Não é feita menção a Paulo de Santa Fé,

[...] ou de qualquer outro auxiliar ou intérprete japonês que pudesse ter ajudado o padre a lidar com as dificuldades com a língua. A partir da leitura das fontes, verifica-se que o conteúdo debatido era rebuscado e filosófico demais para quem ainda tinha pouca experiência com a língua, com a liturgia e com a religiosidade japonesa. Defendendo esta linha de raciocínio, Helmut Feldmann chega a pensar que esses debates jamais aconteceram, e não passam de exageros comuns na retórica quinhentista jesuítica<sup>101</sup>.

A relação amigável que aparentemente teria se desenvolvido entre o jesuíta e o monge é importante para o nosso estudo, pois revela que Xavier, mesmo sendo um missionário fervoroso, que negava qualquer forma de crença fora da cristã, estava aberto a debater com os religiosos

99 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

100 XAVIER, São Francisco. **Ibid**

101 FELDMANN, 1993, p. 288 apud LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. **A Companhia de Jesus e os Pregadores Japoneses: Missões jesuíticas e mediação religiosa 1549-1614**. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2017, p. 185.

## HISTÓRIA E CULTURAS

japoneses. Ressalte-se, no entanto, que tal postura poderia fazer parte da tática de evangelização dos jesuítas, já que para contradizer os bonzos seria necessário que os evangelizadores europeus se informassem sobre as práticas exercidas por eles.

Os religiosos japoneses não teriam sido hostis com os jesuítas, isto se evidencia em uma passagem da carta de Xavier:

Todos, assim leigos como bonzos, gostam muito de nós e espantam-se de grande maneira em ver como viemos de terras tão longe, como é de Portugal ao Japão, que são mais de seis mil léguas, somente para falar das coisas de Deus e de como as gentes hão-de salvar as suas almas crendo em Jesus Cristo, dizendo que isto a que viemos a estas terras é coisa mandada por Deus<sup>102</sup>.

Essa aparente cordialidade dos bonzos não seria duradoura. Como seria de se esperar, originou-se, com o passar do tempo, um antagonismo entre os religiosos japoneses e os europeus. Conforme Yamashiro, gradualmente, os japoneses passariam a compreender mais o cristianismo e ocorreriam “[...] atritos e conflitos em consequência do ataque dos missionários ao budismo e ao clero budista”<sup>103</sup>. O próprio Xavier acreditava que não demoraria para que os monges se opusessem aos jesuítas:

São muitos bonzos e as casas são muito pobres de rendas. [Ora], por esta contínua abstinência que fazem, e porque não têm convívio com mulheres – principalmente os que andam vestidos de negro como clérigos – sob pena de perderem a vida, e por saberem contar algumas histórias ou, para melhor dizer, fábulas das coisas em que creem, por esta causa me parece que os têm em muita veneração. [Portanto] não tardará muito, por serem eles e nós tão contrários nas opiniões de sentir de Deus e de como se hão-de salvar as pessoas, sermos deles muito perseguidos mais que de palavras<sup>104</sup>.

Na concepção do missionário, o povo japonês não hostilizaria os jesuítas. Se isto ocorresse, seria por influência dos bonzos que eram respeitados na sociedade japonesa<sup>105</sup>. Conforme mencionamos anteriormente, Xavier na missiva, mencionou sobre um grupo de bonzos que eram

102 XAVIER, São Francisco. *Op.cit.*, p. 513.

103 YAMASHIRO, José. *Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo: IBRASA, 1989, p. 53.

104 XAVIER, São Francisco. *Obras Completas*. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 525.

105 *Ibid.*

# HISTÓRIA E CULTURAS

recriminados pela camada populacional de Kagoshima, mas é evidente que muitos religiosos nipônicos tinham considerável influência na sociedade nipônica.

Como fica evidente na carta escrita, em 1549, na cidade de Kagoshima, para os jesuítas de Goa, Xavier, ao se referir aos bonzos, dá mais ênfase as atitudes imorais de alguns monges do que propriamente às crenças que estes religiosos difundiam no Japão. Em apenas uma passagem da missiva destinada aos jesuítas de Goa, o jesuíta faz menção as religiões nipônicas: “Não adoram ídolos em figuras de alimárias: a maior parte deles crê em homens antigos que, segundo o que tenho alcançado, eram homens que viviam como filósofos. Muitos destes adoram o sol e outros a lua”<sup>106</sup>.

53

## MISSIVAS REDIGIDAS EM KOGOSHIMA

Conforme afirmamos anteriormente, no período em que esteve no Japão, Xavier escreveu cinco cartas, todas na mesma data. Uma das cartas já foi analisada, e a outra, refere-se a uma breve nota em que o jesuíta convoca três clérigos para viajarem para o Japão. Uma terceira foi destinada ao padre Paulo Camerino que se encontrava em Goa. Nessa breve carta, o jesuíta recomenda a Camerino que, no Colégio de Goa, seja intensificado o trabalho de doutrinação de chineses e japoneses que posteriormente irão auxiliar na expansão e na consolidação do cristianismo no Japão.

Trabalhai muito de ensinar e doutrinar nesse colégio moços chinas e japões sobre todos, olhando muito por eles em espírito. Que saibam ler e escrever e falar em português, para serem topazes dos Padres que, prazendo a Deus Nosso Senhor, antes de muitos anos, virão para o Japão e para a China. É que, em nenhuma outra parte das que estão descobertas, me parece que se pode fazer tanto fruto, nem vir a perpetuar-se a Companhia, como nestas: na China e Japão. Por isso vos encomendo muito os chinas e os japões<sup>107</sup>.

Nessa mesma carta, Xavier recomenda que dois bonzos que irão a Malaca deverão ser recebidos e “agasalhados” pelos portugueses.

Se aí forem dois bonzos, que este ano vão a Malaca, trabalhai muito com eles em os agasalhar com os portugueses, olhando muito por eles, mostrando-lhes muito

<sup>106</sup> Ibid., 2006, p. 510-511.

<sup>107</sup> Ibid., 535.

## HISTÓRIA E CULTURAS

amor, como eu fazia a Paulo quando aí estava. É que é gente que só por amor se quer levar: não entreis em nenhuns rigores com eles<sup>108</sup>.

Também na carta escrita aos jesuítas que estavam em Goa, Xavier faz referência a esses monges japoneses. “Neste ano vão dois bonzos à Índia – os quais estiveram nas universidades de Bandu e Meaco – e com eles muitos japoneses a investigar as coisas da nossa Lei”<sup>109</sup>.

Em uma missiva destinada “Ao padre António Gomes”, que se encontrava em Goa, o missionário recomenda que os japoneses tenham um tratamento digno no território indiano.

Uma outra carta, escrita em 1549 por Xavier a “D. Pedro da Silva”, informa ao capitão português sobre a ida de japoneses para Malaca:

Aí vão muitos japoneses<sup>110</sup>, pelas boas novas que Paulo cá semeia das muitas virtudes dos portugueses. A Vossa Mercê, pelo muito que deve a Deus e à fidalguia deles, lhe peço muito que lhes faça honra, mandando-os agasalhar em casas de portugueses ricos e abastados: para que lhes façam honra e gasalhado e daí voltem cristãos, dizendo tanto bem dos portugueses como diz Paulo<sup>111</sup>.

Nesta passagem, o missionário católico não faz menção aos bonzos, ou seja, o jesuíta não planejava apenas o envio de religiosos nipônicos para o estrangeiro. José Yamashiro, com base no trabalho do prof. Kiichi Matsuda, discorre sobre como se deu a recepção dos japoneses que partiram para Malaca:

Graças à recomendação de Xavier, os estudantes nipônicos tiveram uma calorosa recepção em Malaca, onde chegaram em abril de 1550. Hospedaram-se na casa de um cristão chinês e foram recebidos pelo comandante militar português e outras autoridades. E receberam o batismo numa imponente cerimônia realizada numa igreja. Entretanto, pouco depois, três deles regressaram ao Japão e um permaneceu em Malaca<sup>112</sup>.

Como fica evidente, o plano de enviar nipônicos a Malaca teria tido algum êxito, já que os japoneses teriam conseguido chegar a salvo na localidade oriental, sendo bem recebidos, tal como

108 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006, p. 537-538.

109 Ibid., p. 530.

110 Nesta passagem Xavier dá a entender que uma grande comitiva partiria para Malaca, mas apenas quatro japoneses aportariam na localidade oriental. BAPTISTA S.J., Francisco de Sales (**Obras Completas**. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006).

111 XAVIER, São Francisco. Op.cit., 547-548.

112 MATSUDA, 1982 apud YAMASHIRO, José. **Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII**. São Paulo: IBRASA, 1989, p. 56.

## HISTÓRIA E CULTURAS

Xavier esperava que ocorresse. Esta não foi a única tentativa de Xavier enviar japoneses a territórios sob o domínio europeu para aprenderem mais sobre as especificidades da cultura e religiosidade ocidentais, isso se repetiu anos depois.

As cartas que Xavier dirigiu ao padre António Gomes, que se encontrava no território indiano, e a D. Pedro da Silva, que residia em Malaca, informam, que uma localidade japonesa denominada Sakai possuía um enorme porto e nela haviam muitos comerciantes opulentos, e que ali existiam mais metais preciosos do que em qualquer outra região do território japonês<sup>113</sup>.

Segundo o próprio Xavier, a partir da vivência que ele adquirira no território indiano, as autoridades e mercadores de Goa não enviariam uma embarcação com clérigos sem existir interesses comerciais envolvidos<sup>114</sup>.

Xavier promete riqueza aos tripulantes da embarcação que transportassem os religiosos cristãos “Ganhará [aqui] muita prata e ouro, quem trazer os Padres, se trazer as mercadorias que vão nesse rol. Desta maneira poderão vir os Padres muito bem e muito seguros, porque esse navio virá muito artilhado e provido de tudo o necessário”<sup>115</sup>.

Xavier recomenda na carta ao padre António Gomes, que a embarcação com os padres não trouxesse uma grande quantidade de pimenta, pois se trouxessem uma quantia menor, poderiam barganhar um preço mais elevado no território japonês<sup>116</sup>.

O jesuíta aponta ainda que quem recebesse a licença do governador para trazer os clérigos fosse com a exigência de não parar no território chinês, pois consumiriam grande tempo para se deslocarem para o Japão, pois se não partissem até o dia primeiro de agosto de 1550 do território chinês, teriam que esperar um longo período para navegarem em condições favoráveis. “[...] Isto há-de prometer o capitão do navio ao Senhor Governador: de não fazer fazenda na China, à vinda<sup>117</sup>”.

Leão examina a colaboração entre os comerciantes lusitanos e os evangelizadores jesuítas nos contatos com o povo nipônico no século XVI. Conforme o autor, “para se obter o devido sucesso, por mais que houvesse choques, os interesses dos mercadores e dos missionários precisavam caminhar lado a lado”<sup>118</sup>.

Em carta destinada a D. Pedro da Silva, capitão de Malaca, Xavier afirma que a propagação efetiva do cristianismo no Japão poderia trazer várias vantagens para o rei de Portugal, pois seria

113 XAVIER, São Francisco. **Obras Completas**. Tradução e organização de Francisco de Sales Baptista S.J. São Paulo: Edições Loyola; Braga: Editorial A. O. 2006.

114 Ibid.

115 Ibid., 2006, p. 541.

116 Ibid.

117 Ibid., 2006, p. 542.

118 LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Comerciantes Portugueses e missionários no Japão. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 2, n. 5, p. 277-301, 2009. Disponível em: <http://ojs.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpub/article/view/30167/15725>, p. 279 acesso em 03 de abril de 2018.

## HISTÓRIA E CULTURAS

lucrativo estabelecer uma feitoria no porto japonês de Sakai, pois esta localidade, como já foi relatado, era a mais rica em metais preciosos do território japonês<sup>119</sup>.

Na carta endereçada ao padre António Gomes, Francisco Xavier, solicita a interferência desse jesuíta junto ao Governador para se estabeleça uma feitoria no Japão:

[...] Fazei com que o Governador mande, pelos Padres, quando vierem, algumas peças e presentes para o rei do Japão com uma carta: é que confio em Deus que, se este se convertesse à nossa santa fé, se havia de suceder muito proveito temporal para o rei de Portugal, fazendo-se uma feitoria em Sakai, que é porto muito grande e uma cidade onde há muitos mercadores e muito ricos, e muita mais prata e ouro que em nenhuma outra parte do Japão<sup>120</sup>.

O fragmento acima exposto demonstra que o missionário tinha a intenção de estimular o estabelecimento de relações comerciais entre o Japão e Portugal. Como salienta Prevatto:

Para manter seu projeto de conversão, os missionários fomentaram o elemento que colocava portugueses e japoneses em contato: o comércio. Quanto mais profícuas as relações comerciais para ambos os lados, mais estável a permanência cristã em terras japonesas e, conseqüentemente, sólido o projeto de missão<sup>121</sup>.

Posteriormente, a primeira visita dos jesuítas, a Coroa Portuguesa passaria a ter uma atuação mais efetiva em lucrativas trocas comerciais que se desenvolveriam no Japão. “Até meados da década de 1550 – quando se abriu o porto de Macau – o comércio do Japão estava entregue a mercadores particulares portugueses, mas em 1556 foi nomeado um capitão-mor para a rota Macau-Nagasaki, submetendo-a ao controle direto do governo português”<sup>122</sup>.

O missionário também expôs, nas cartas a D. Pedro da Silva e ao padre António Gomes, o quão vantajoso seria se uma feitoria portuguesa fosse constituída no Japão. Os portugueses, de fato, estabeleceriam uma base no país asiático. Na segunda metade do século XVI, a baía de Nagasaki viraria uma essencial feitoria e centro da difusão da religião cristã no território japonês<sup>123</sup>.

---

119 XAVIER, São Francisco. *Op.cit.*

120 *Ibid.*, 2006, p. 541.

121 PREVATTO, André Junqueira. *Conversão à comunicação: a trajetória do missionário que foi São Francisco Xavier (1542-1552)*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010, p. 134.

122 YAMASHIRO, José. *Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo: IBRASA, 1989, p. 97.

123 *Ibid.*

# HISTÓRIA E CULTURAS

## CONCLUSÃO

É importante frisar que as cartas dos membros da Companhia de Jesus não eram relatos desinteressados. Os estudos de Boxer<sup>124</sup> e Londoño<sup>125</sup>, citados anteriormente, evidenciam a intencionalidade das narrativas elaboradas pelos jesuítas em suas missivas. Nesse sentido, consideramos importante ressaltar mais uma vez, o caráter “edificante” do epistolário jesuíta. No entanto, a análise das cartas de Xavier, escritas em 1549 nos permitem apontar, pelo menos, uma questão que necessita de uma análise mais aprofundada.

Francisco Xavier considerava o Japão um terreno fértil para a disseminação do cristianismo e teria se encantado com o comportamento receptivo do povo japonês. No entanto, via como obstáculo a dificuldade de comunicação, em razão do desconhecimento da língua e, principalmente, a ação dos monges. Em nosso entendimento, em razão disso, procura desqualifica-los, atribuindo aos bonzos um comportamento que contrariava os preceitos morais do cristianismo ocidental.

---

124 BOXER, Charles Ralph. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

125 LONDOÑO, Fernando Torres. *Escrevendo cartas: jesuítas, escrita e missão no século XVI*. In: Revista brasileira de História. São Paulo, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10908.pdf>